

Conclusão

Este trabalho, ao analisar a temática fé e política no pensamento teológico de Kierkegaard à luz da sua obra *Temor e Tremor*, pôde perceber que a preocupação primeira, do autor em questão, é com a fé; e se pode haver possibilidade de ação política *a posteriori*, mediada, não mais pela ética-primeira (ética hegeliana), mas pelo estádio religioso. Pois nesta obra encontra-se a questão entre filosofia e teologia e entre ética e religião, entre o herói trágico e o cavaleiro da fé e entre fé e política. Nesta questão kierkegaardiana a pesquisa tentou encontrar o aspecto político na ética-primeira de Johannes de Silentio. Porque o objetivo de *Temor e Tremor* é provar que a ética hegeliana, que tem uma dimensão política, sempre é insuficiente para o ser humano se realizar plenamente, algo que só é possível no estádio religioso, no qual se encontra a fé de Abraão e o próprio Jesus Cristo. Somente na aceitação da fé por ação do Espírito Santo e na encarnação da mensagem de Cristo Jesus o Indivíduo pode encontrar o sentido existencial aqui e agora, segundo o pensamento de Kierkegaard. Para ele, o Indivíduo

é a categoria do espírito, do despertar do espírito, tão oposta quanto possível à política. A recompensa terrestre, o poder, a glória, etc., não se encontram ligadas ao seu uso correto; porque, ainda que utilizada no interesse da ordem estabelecida, a interioridade não interessa ao mundo; e menos ainda quando dela se faz um uso catastrófico; pois, suportar sacrifícios, ser sacrificado, o que decorre necessariamente da sua recusa de passar por um poder material, tudo isso não interessa ao mundo.²⁶⁴

Para Kierkegaard, no paradoxo da fé a mediação da ética-primeira (hegeliana) é abolida pela relação absoluta com o absoluto (Deus), estabelecida pelo ser humano. Sua obra ético-religiosa se preocupa em criticar fortemente as bases da ética racionalista e universalista que anulou a transcendência divina, e colocou Deus dentro da razão ética totalmente imanentista. Logo, ao criticar a ética do sistema hegeliano, Kierkegaard atinge diretamente a política estabelecida na cristandade formada na união de Igreja e Estado. Esta cristandade está assentada nos pressupostos políticos que vão à contramão da mensagem cristã que nada tem com envolvimento político partidário que dê poder político a Igreja e a seus líderes. Daí

²⁶⁴ KIERKEGAARD, Søren Aabye. Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor (Dois Tratados Ético-religiosos e O Indivíduo). p. 128.

nasce sua severa crítica à cristandade como abordado no primeiro capítulo. Em várias obras suas

o pensador dinamarquês afirmará que busca o *ponto de Arquimedes*, isto é, o equilíbrio. Sua busca é pela honestidade, pela essência do cristianismo [...]. Sua distinção entre cristianismo e cristandade contém, em si, o germe de uma crítica da cultura. Segundo sua concepção, o cristianismo necessita de um corretivo, mas ele é um *poeta sem autoridade*.²⁶⁵

A crítica de Kierkegaard à cristandade é tomada neste trabalho como uma crítica política, através dos princípios cristãos, à política institucionalizada na união da Igreja dinamarquesa e o Estado. Com isso, o teólogo busca mostrar que o exercício da fé cristã é o único caminho para uma prática política possível. Este trabalho procura encontrar esse tão desejado “ponto de equilíbrio” em fé e política à luz da obra *Temor e Tremor* porque no dilema entre fé e razão Johannes de Silentio chega à conclusão que somente no *salto de fé* o ser humano pode ter sua vida transformada e salva plenamente para a singularidade. Não se perderá na multidão, nem será guiado pela opinião pública, que quase sempre não reflete a verdade, ao contrário é mais um mecanismo de alienação das massas. Se no século XIX, Kierkegaard já via a multidão e a opinião pública como um perigo para a anulação do Indivíduo; hoje, no século XXI, essa realidade assume uma proporção muito mais grave, pois o mar de informação induz a multidão a erro. Sobre tudo na sociedade brasileira, com um elevado nível de analfabetismo funcional, a opinião pública e a multidão, como pensa Kierkegaard, não é e nem tem nenhum lampejo da verdade. Isso toma um tom dramático no movimento evangélico em que, no geral, a opinião de cada fiel é a opinião do seu “pastor”. Como diz Paul Freston:

na comunidade evangélica brasileira, tem sido difícil encarnar essa piedade “mundana” de tantos evangélicos do passado. Ou se é piedoso ou se é mundano; os que se rebelam contra um lado da dicotomia apenas pulam para o outro lado. Poucos conseguem derrubar o muro da dicotomia.²⁶⁶

Aqui é necessário pontuar duas realidades graves na relação de fé e política no Brasil: a primeira realidade é a alienação, o tráfico de influência e a coesão existente, *em nome de Deus*, na quase totalidade do movimento evangélico pentecostal e neopentecostal; a segunda realidade tão grave quanto à primeira é a total *indiferença* ou *anuência* do movimento evangélico histórico que se cala em

²⁶⁵ PAULA, Marcio Gímenes de. Indivíduo e comunidade na filosofia de Kierkegaard, p. 120.

²⁶⁶ FRESTON, Paul. Religião e política, sim; Igreja e Estado, não: os evangélicos e a participação, p. 74.

seus templos anestesiando-se com seus cultos. Entretanto, apesar da crítica situação da relação promíscua entre “fê” e “política”, “há sinais da presença da piedade ‘mundana’ no meio evangélico brasileiro”.²⁶⁷ Como no tempo de João Batista ainda existe vozes verdadeiramente cristãs clamando no deserto. Se na época de Kierkegaard o cristianismo era para as massas, no tempo que chama hoje, ele cumpre a mesma missão, massificar e enganar as pessoas em nome de um “deus” sedutor e antiético. Pois o deus (com minúsculas) do movimento evangélico brasileiro, em sua esmagadora maioria, tem se mostrado com muito “poder”, mas nenhum caráter, nenhuma ética.²⁶⁸ Nem a ética hegeliana, e muito menos a ética cristã.

No entanto, Jesus passou pela mesma tentação do poder, mas resistiu: “o diabo o levou a um monte muito alto e mostrou-lhe todos os reinos do mundo e o seu esplendor. E lhe disse: Tudo isto lhe darei, se você se prostrar e me adorar” (Mateus 4.8-9). O verdadeiro cristianismo, cheio da presença do Espírito Santo, vencerá a tentação do poder, assim como Cristo venceu, mesmo que ele esteja passando necessidade, ele permanecerá no rebaixamento de Cristo dizendo não à glória humana que não edifica.

Infelizmente, muitos líderes evangélicos hoje, cedem à tentação e prostram-se e adoram ao diabo para receber a “glória dos reinos do mundo”.²⁶⁹ Por isso,

²⁶⁷ FRESTON, Paul. *Religião e política, sim; Igreja e Estado, não: os evangélicos e a participação*, p. 74.

²⁶⁸ Falando da *perda da ética protestante*, Paul Freston declara: “Não é difícil ver que essa ética se perdeu em boa parte da igreja evangélica brasileira. Em vez da ética que transforma a sociedade, temos, de um lado, a ética passiva e legalista do bom funcionário, que segue fielmente as regras e fica desregrado onde não há regras, e do outro lado temos o triunfalismo que sonha com a tomada do poder. Em vez da ética do trabalho diligente e vida frugal, temos a teologia da prosperidade, de enriquecimento por meios rituais. E em vez da cosmovisão protestante que impulsionou a ciência, temos o conceito atual de Guerra Espiritual, que é uma volta à visão pagã do mundo”. In: FRESTON, Paul. *Religião e política, sim; Igreja e Estado, não: os evangélicos e a participação política*, p. 40.

²⁶⁹ No momento em que chegamos de visibilidade pública [política], precisamos acima de tudo de uma ética ministerial capaz de lidar com as tentações que se apresentam agora com mais força. Precisamos estudar as tentações de Jesus. As três opções que o diabo oferece a Jesus no deserto são tentações *ministeriais*, por isso que acontecem quando está para começar seu ministério. São três maneiras erradas de ser o Messias. E como tentações ministeriais, são tentações permanentes da igreja. As mesmas opções sempre se colocam. E elas correspondem às três correntes que fizeram a ética protestante se perder nos últimos anos. A tentação em que o diabo mostra os reinos a Jesus corresponde ao triunfalismo, ao encantamento com o poder e com a visibilidade, a volta à igreja medieval, à confusão de meios e fins. Como disse um deputado evangélico, coordenador da campanha do ex-presidente Fernando Collor no meio evangélico, comentando o fato de ele ter ganhado uma rádio em troca do apoio aos cinco anos do ex-presidente José Sarney: ‘Se Sarney quisesse 100 anos em troca de 100 rádios, se fosse para pregar o evangelho eu daria’. A tentação de transformar as pedras em pães corresponde à teologia da prosperidade, o evangelho hedonista. E a tentação de se jogar de cima do templo corresponde à guerra espiritual, impressionar pelo espetáculo, pela demonstração de poder. Esse trio vai fazer a igreja entrar na contramão da revolução ética no Brasil. In: FRESTON, Paul. *Religião e política, sim; Igreja e Estado, não: os evangélicos e a participação política*, p. 41.

contra esse falso cristianismo, Kierkegaard afirma no livro *“ponto de vista explicativo de minha obra como escritor”*:

não é este o meu papel e, <<na cristandade>>, não pode ser uma verdadeira tarefa fazer vários cristãos titulares, ou contribuir para reforçar milhões de pessoas na opinião de são cristãos; não, a tarefa consiste precisamente em tornar patente a fraude que, para maior vantagem dos príncipes da Igreja, dos sacerdotes e da mediocridade, e com o nome de boa vontade e zelo cristão – que requinte! – atraiu estes milhões de pessoas; trata-se de dar a conhecer e tornar patente esta fraude, de pôr em evidência que a boa vontade e o zelo cristãos exercidos <<na cristandade>> se propõem justamente (e aqui depara-se imediatamente com o sinal específico do cristão, tal como o contrário, o lucro, é o sinal específico do cristão, tal como o contrário, o lucro, é o sinal da mundanidade) desembaraçar o cristianismo de alguns destes batalhões de cristãos.²⁷⁰

Parece evidente, portanto, assim como fez Kierkegaard, ao comparar o cristianismo de massas de hoje com o cristianismo do Novo Testamento, não há nenhuma semelhança entre ambos. Isso mostra que no decorrer da história a Igreja sempre teve muita dificuldade em resistir à tentação diabólica do poder político. Kierkegaard, ao propor o salto de fé ele parte da política para se firmar no estádio religioso do paradoxo da fé. Ele volta a afirmar seu compromisso com o Indivíduo que tem na fé a sua dignidade restaurada, torna-se ele mesmo, sabendo que não pode se perder jamais na multidão de um cristianismo cínico, mau-caráter e perverso como esse que tem se apresentado na mídia eletrônica. Este “cristianismo” tem usado e abusado do sofrimento das pessoas para o enriquecimento de seus líderes. Estes se intituam cristãos e denominam as massas de fieis de cristãos também, mas eles não sabem o que fazem, pois a sua motivação não é a boa nova do evangelho, mas a quantidade numérica capaz de encher os cofres-bolsos desses líderes que distorcem e pervertem a mensagem da cruz. Os fieis massificados, não são discípulos de Cristo, mas asseclas de líderes megalomaníacos e sedentos de poder humano, usando em vão o nome de Deus.

Desse modo, pelo crivo diligente da teologia de Kierkegaard, esses líderes não passam de mercenários. Se sua crítica à cristandade não poupou Mynster, Martensen e Grundtvig, líderes da Igreja dinamarquesa, não pouparia muito menos os muitos líderes politíqueiros do movimento evangélico de hoje. Assim, se para Kierkegaard, Mynster não foi uma testemunha da verdade, muito menos os são os falsos pastores midiáticos de hoje, com sua vida de luxo, ostentação, fortunas e

²⁷⁰ KIERKEGAARD, Søren Aabye. *Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor* (Dois Tratados Ético-religiosos e O Indivíduo), p. 134.

seguranças armados. Para o teólogo da Dinamarca, não pode haver fé nesse *reino religioso* de vaidades, vanglórias, soberbas, ganâncias e brigas por poder.

Uma palavra ainda. Sem dúvida, Cristo teve discípulos; e, para escolher um exemplo mais humano, Sócrates teve os seus. Mas nem Cristo nem Sócrates os tiveram no sentido que transformaria numa mentira a tese que apresentei: do ponto de vista ético, ético-religioso, a multidão é uma mentira, e é uma mentira querer agir pela multidão, pelo número, e querer fazer do número a instância da verdade.²⁷¹

Ao recusar metodologicamente a política, Kierkegaard ironicamente quer provar o quanto a política pode desviar as pessoas para a mentira da multidão. No caso dos religiosos, eles desviam os seres humanos, sedentos por Deus, do verdadeiro cristianismo e os levam a uma religiosidade ritualística legalista e frívola; sem compromisso genuíno com Deus e com o próximo. O discurso da fé passa a ser apenas uma forma de ludibriar as pessoas, através da política feita pelos líderes religiosos. O mero crescimento numérico dos evangélicos é visto como a verdade do evangelho fazendo cristãos. A multidão de evangélicos passa a ser a instância da verdade. No entanto, isso para Kierkegaard não passa de ilusão. O discurso sobre Deus assume um caráter sedutor para que as pessoas acreditem numa grande mentira inventada pelos impostores da fé. Entretanto, a postura apolítica de Kierkegaard é apenas aparente, isto porque ele aprendeu a fazer política pela via da ironia e da crítica à cristandade de seu país.

Em *Temor e Tremor* a fé é colocada como a maior das paixões do ser humano, e é ela que deve guiar os passos dos fiéis que depositaram em Cristo Jesus toda a sua esperança. Então, depois da fé a política pode ser acrescentada a partir da ética cristã fundamentada no amor ao próximo. Por fim, a postura apolítica de Kierkegaard é de fato, apenas aparente, isto porque ele aprendeu a fazer política pela via da ironia e da crítica direta à cristandade de seu país. Pois como afirma Kirmmse: “o ataque à cristandade deve ser compreendido inteligentemente não como uma aberração, mas como uma resposta ao desenvolvimento social e político do tempo de Kierkegaard”²⁷².

²⁷¹ KIERKEGAARD, Soren Aabye. Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor (Dois Tratados Ético-religiosos e O Indivíduo), p. 134, et. seq.

²⁷² KIRMMSE. In: Paula, Marcio Gimenes de. Indivíduo e comunidade na filosofia de Kierkegaard, p. 111.